Universidade da Amazônia

Ensaio Histórico

de Francisco Adolfo de Varnhagen

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal
CEP: 66060-902
Belém – Pará
Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197
www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br

Ensaio Histórico Sobre as Letras no Brasil [1847]

de Francisco Adolfo de Varnhagen

Ao descobrir-se a América, ou antes, ao colonizar-se ela, durante o século XVI, achavam-se no seu maior esplendor as duas nações do extremo ocidental da Europa, que nisso se empenhavam: assim as línguas e literatura, sempre em harmonia com a ascendência e decadência dos estados, como verdadeira decoração que são de seus edifícios, tocavam então o maior auge.

Com efeito, o castelhano e o português, que tiveram a sorte de passar primeiro que outras línguas do velho ao novo continente, subiam então pelas suas literaturas à categoria de línguas, graças ao impulso que lhes davam os respectivos centros governativos.

O português poliu-se sem degenerar quase nada de sua filiação galego-asturiana, nem corromper o valor das articulações latinas. O castelhano, procedente da mesma filiação, só chegou àquele resultado, depois de arabizar-se muito, de adotar o gutural árabe, e de alterar insensivelmente outras articulações latinas. O português de hoje é o mais legítimo representante do antigo castelhano e do domínio romano na Espanha; e o castelhano moderno serve a comprovar quanto o domínio de uma nação estrangeira pode fazer variar um idioma já bastante formado.

Mas, apesar desse polimento da língua e literatura portuguesa, na época em que se colonizava o Brasil, como se as letras se encolhessem com medo do Atlântico, não passam elas com os novos colonos. Não era no Brasil que os ambiciosos de glória tratavam de buscar louros para colher, pois que essa ambição elevada se satisfazia melhor na África ou na Ásia. Ao Brasil, ia-se [sic] buscar cabedais, fazer fortuna; e as miras do literato alcançam mais alto, não é aos gozos, nem mesmo às glórias terrenhas a que aspira: é à glória imortal.

Os troncos colonizadores não trazem, pois, da árvore-mãe seiva poética bastante para produzirem frutos com ajuda do clima e da terra. A atividade intelectual que emigrava da metrópole nem bastava toda para se estender pelos Algarves d'Além e pela Índia, onde feitos heróicos se passavam. Os acontecimentos, que na Ásia e na África se representavam, eram eternizados em versos por um Camões, um Corte-Real, um Vasco Mousinho; e em prosa por um Gaspar Corrêa, um Castanheda e um Barros. A única obra que nesse primeiro século se escreveu com mais extensão sobre o Brasil, só ultimamente se imprimiu: referimo-nos à do colono Gabriel Soares, cujo trabalho, feito em 1587, foi o fruto da observação e residência de dezessete anos na Bahia; tantos como passara na Pérsia o naturalista Ctésias, que foi quem primeiro fez conhecer aos gregos as riquezas naturais da Ásia. Ao Brasil não passavam poetas; é, pois, necessário esperar que ele se civilize e que os poetas aí nasçam e vigorem seus frutos. Os indígenas tinham um gênero de poesia que lhes servia para o canto; os seus poetas, prezados até pelos inimigos, eram os mesmos músicos ou cantores que em geral tinham boas vozes, mas eram demasiadamente monótonos; improvisavam motes com voltas, acabando estas no consoante dos mesmos motes. O improvisador, ou improvisadora, garganteava a cantiga e os mais respondiam com o fim do mote, bailando ao mesmo tempo e ao mesmo lugar em roda, ao som de tamborins e maracás. O assunto das cantigas era em geral as façanhas de seus antepassados; e arremedavam pássaros, cobras e outros animais, trovando tudo por comparações etc.

Eram também grandes oradores e tanto apreciavam esta qualidade que aos melhores faladores aclamavam muitas vezes por chefes. Os missionários jesuítas, conhecendo estas tendências, trataram de empregar a música e a poesia como meios de catequese. Nos seus colégios, começavam logo a ensinar a cantar aos pequenos catecúmenos filhos da terra e, mais tarde, compunham até comédias, ou *autos sacros*, para eles representarem; daí proveio o primeiro impulso da poesia e do teatro no Brasil. Assim, a respeito deste último, sucedeu neste país o mesmo que nos séculos anteriores se passara na Europa, pois, como é sabido, o teatro na Idade Média se conservou e se aperfeiçoou depois, ocupando-se exclusivamente de assuntos religiosos, como até se depreende da lei das Partidas.

Na América Espanhola sucedeu diversamente. A Espanha não tinha Áfricas, nem Ásias, as suas Índias eram só as ocidentais. Do território hispânico não havia já mouros que expulsar e às Índias tinham de passar os que queriam ganhar glória. Assim, enquanto Camões combatia em África e se inspirava em uma ilha dos mares da China, Ercilla, soldado espanhol no Ocidente, deixava gravada uma oitava sua no arquipélago de Chiloe, e, quando *Os Lusíadas* viam a luz (1572), havia já três anos que corria impressa a primeira parte da *Araucana*. Os passos de Ercilla eram, no Chile, seguidos por Diego de Santistevan Osório e Pedro d´Oña (já filho d´América), que, em 1605, publicou em dezenove cantos o seu *Arauco Domado.* Já então se tinha organizado em Lima uma *Academia Antártica* e havia, na mesma cidade, uma tipografia na qual, em 1602, Diogo d´Avalos y Figueroa imprimiu sua *Miscelanea Austral y Defensa de Damas,* obra que faz lembrar a *Miscelanea Antártica y origen de Índios*, que o presbítero Miguel Cabello Balboa deixou manuscrita. Da mencionada *Academia Antártica* nos transmite, em 1608, os nomes de muitos sócios a introdução, feita por uma senhora, às Epístolas d´Ovídio, por Pero Mexia. Aí se mencionam, como mais distintos árcades, Mexia e os mencionados Oña, Cabello e Duarte Fernandes. Por esse tempo, compunha, também em Lima, fr. Diego de Hojeda a sua épica *Christiada,* publicada em 1611, e Fernando Alvarez de Toledo o seu *Puren Indomito,* que nunca se imprimiu. A regularmo-nos pelos tons dos cantos do berço, estes montuosos países da América Ocidental deveriam ter que representar um importante papel no desenvolvimento futuro da literatura americana.

O México não deixava também de participar do estro ibérico, mas aqui, com ar de conquistador, e não com formas nacionais, como no Chile, onde o próprio poeta soldado é o primeiro, não só a confessar, mas até a exaltar generosamente as proezas do mesmo Arauco que ele combatia com armas. Com razão diz a tal respeito d. Gabriel Gomes:

Al valiente Araucano
Alonso venció y honró: la ira
Recompensó la lyra.

Nem sequer um canto de bardo se levantou a favor do, por enganado, não menos herói, tão simpático, Montezuma.

Com o título de elegias canta Juan de Castelhanos, em milhares de fluentes oitavas, a história dos espanhóis que, desde Colombo, mais se ilustraram na América.

Gabriel Lasso (1588) e Antonio Saavedra imaginaram epopéias a Cortez, mas foram tão mal sucedidos como século e meio depois o mexicano Francisco Ruiz de León.

O pequeno poema *Grandeza Mexicana*, publicado no México em 1604 pelo ao depois bispo Balbuena, autor da epopéia *El Bernardo,* é, apesar de suas hipérboles e exagerações sempre poéticas, o primeiro trecho de boa poesia que produziu a vista desse belo país, que logo se começou a corromper: primeiro, com falsidades na guerra; depois, com a sede do ouro. Força é confessar que a obra de Balbuena é, de todas as que temos mencionado, a que mais abunda em cenas descritivas, por se haver ele inspirado, mais que todos os outros, de um dos grandes elementos que deve entrar em toda a elevada poesia americana: a majestade de suas cenas naturais. Todos os demais poetas queriam ser demasiado historiadores, no que caiu algum tanto o próprio Ercilla e muito mais outros que chegam a ter a sinceridade de assim o declarar. Deste número, foi Saavedra e o capitão Gaspar de Villagra que, em 1610, publicou em Alcalá (em trinta e quatro cantos de verso solto, aos quais melhor chamara capítulos) a sua *História de la Nueva (sic) Mexico* , e nesta descreve os feitos do Adiantado Oñate e seus companheiros. Mais poeta nos parece que seria o pe. Rodrigo de Valdés, de quem possuímos a Fundação de Lima, mas, infelizmente, escrito em quadras, que deviam ser a um tempo espanholas e latinas, é, às vezes, obscuro e, com mira de fazer heróico o panegírico, o deixa aparecer antes, a trechos, demasiado empolado.

Buenos Aires, de si terra pouco hospitaleira, ocupou as atenções de Martín del Barco Centenera. Mas a *Argentina* é também mais uma dessas histórias em verso que um poema.

Não cabe aqui seguirmos a história das produções poéticas nos países que hoje constituem as diferentes repúblicas hispano-americanas, contudo, deixaremos consignado que tanta seiva emprestada de pouco lhes valeu, por secarem, talvez, as árvores antes que as raízes fossem assaz vigorosas para nutrir novos rebentões. Por nossa parte, fazemos votos para que uma tal literatura se eleve à eminência de que é suscetível: o altíloquo Heredia e o mimoso Plácido abriram caminho, não há mais que segui-lo. Haverá quem o siga? Quanto a nós, temos nisso inteira fé; quando as ambições se cansem por si mesmas, quando chegue o desengano de que a política atual quebranta a alma e deixa um vago no coração, o gênio terá que buscar, na cultura do espírito, o mais seguro e mais glorioso refúgio.

Lancemos as vistas para o nosso Brasil. Deus o fade igualmente bem, para que aqui venham as letras a servir de refúgio ao talento, cansado dos esperançosos enganos da política! Deus o fade bem, para que os poetas, em vez de imitarem o que lêem, se inspirem da poesia que brota com tanta profusão do seio do próprio país e sejam, antes de tudo, originais — americanos. Mas que por este americanismo não se entenda, como se tem querido pregar nos Estados Unidos, uma revolução nos princípios, uma completa insubordinação a todos os preceitos dos clássicos gregos e romanos, e dos clássicos da antiga mãe-pátria. Não. A América, nos seus diferentes estados, deve ter uma poesia, principalmente no descritivo, só filha da contemplação de uma natureza nova e virgem, mas enganar-se-ia o que julgasse que para ser poeta original havia que retroceder ao *abc* da arte, em vez de adotar e possuir-se bem dos preceitos do belo, que dos antigos recebeu a Europa. O contrário podia comparar-se ao que, para buscar originalidade, desprezasse todos os elementos da civilização, todos os preceitos da religião que nos transmitiram nossos pais. Não será um engano, por exemplo, querer produzir efeito e ostentar patriotismo, exaltando as ações de uma caterva de canibais que vinha assaltar uma colônia de nossos antepassados só para os devorar? Deu-nos Deus a inspiração poética para o louvarmos, para o magnificarmos pela religião,

para promover a civilização e exaltar o ânimo a ações generosas, e serão amaldiçoados, como diz o nosso poeta religioso:

(...) os vates em metro perigosos
Que abusaram da musa (...)
(Assumpção, c. 2º)

Infeliz do que dela se serve para injuriar sua raça, seus correligionários e, por ventura, a memória de seus próprios avós!

Mas, voltando aos tempos em que deixamos as letras e a poesia entregues aos desvelos dos jesuítas, é, sem dúvida, que dos colégios destes que se haviam apoderado da instrução da mocidade, saíram os primeiros humanistas e os primeiros poetas que produziu o Brasil.

Nessas aulas se educaria primeiro o franciscano, Vicente do Salvador, nascido na Bahia, em 1564, e autor de uma história do Brasil que existe manuscrita; nas mesmas estudaria o seu compatriota, o pe. Domingos Barbosa, que escreveu em latim um poema da *Paixão.* Delas sairiam os dois amigos de Vieira, Martinho e Salvador de Mesquita, dos quais o primeiro imprimiu obras em Roma (1662-1670), e o segundo deixou tragédias e dramas sacros. Delas saiu, finalmente, o escritor paulistano Manoel de Moraes, queimado em estátua pela Inquisição.

Mas é singular como a atividade literária só começa depois que a guerra dos holandeses, despertando, por assim dizer, os ânimos, os distraiu da exclusiva ocupação de ganhos e interesses mesquinhos, para ocupar-se mais em apreciar as artes do engenho. Toda a guerra de alguns anos, quando bem dirigida, convém , de tempos a tempos, às nações, para as despertar de seu torpor. O sangue é fecundo, quando bem derramado, e a conquista de glórias é tão necessária a um povo-nação como o aumento de suas rendas.

O pe. Vieira, com seu gênio vivo e grande eloqüência, foi, por meio de seus sermões, um dos mais poderosos agentes que contribuíram para a regeneração moral, e até literária, da nova colônia. As suas lições e os seus estímulos deram ainda aos púlpitos, além de outros pregadores brasileiros, Antônio de Sá e Eusébio de Mattos. Este foi, além disso, o primeiro brasileiro que se deu à poesia religiosa. E, por uma notável singularidade, a guerra contra os holandeses, que foi um tônico para o povo, que serviu de motivo de inspiração a Vieira de muitos de seus rasgos mais eloqüentes, que lembrou mais uma comédia ao imortal Lope de Vega, essa mesma guerra foi a causa de que passasse ao Brasil um dos maiores homens, que contam nos anais de literaturas Portugal e Castela: referimo-nos a d. Francisco Manoel de Mello que, como testemunha de vista, escreveu por esta ocasião a Epanáfora bélica, sobre a expulsão dos mesmos holandeses de Pernambuco.

Algum tempo depois da aclamação do duque de Bragança, um filho do Brasil, Diogo Gomes Carneiro, foi nomeado cronista geral deste país, a quem o novo monarca brindou com o título de principado na pessoa do herdeiro do trono.

Antes de passarmos adiante, diremos, em poucas palavras, as nossas opiniões acerca do acento do Brasil que, não obstante variar em algumas entoações e cacoetes segundo as províncias, tem sempre certo *amaneirado*, diferente do acento de Portugal, pelo qual as duas nações se conhecem logo reciprocamente; a não ser que os nascidos em uma passassem a outra em tenra idade, sobretudo desde os oito aos dezesseis anos. Alguma observação a este respeito nos chegou a convencer que as diferenças principais que se notam na pronunciação brasileira procedem de que a língua portuguesa no Brasil, desde o princípio, se *acastelhanou*

muito. Estas diferenças que, principalmente, consistem na transposição dos possessivos, no fazer ouvir abertamente o som de cada uma das vogais, sem fazer elisões no *e* final, nem converter o *o* em *u* e em dar ao *s* no fim das sílabas o valor que lhe dão os italianos, e não o do *sh* inglês, ou do *sch* alemão, esta alteração na pronúncia, que se estende até a alguns modismos e usos, procedeu não só de que os primeiros descobrimentos e colonização foram feitos com ajuda de castelhanos, como de que, para a recuperação da Bahia contra os holandeses, passaram outros muitos que aí ficaram estabelecidos; além disso, no interior da província do Rio Grande, fala-se hoje, pelo menos, tanto espanhol como português e o contato dos negociantes de gados e *tropeiros* com estes países fez que se adotasse deles quase tudo quanto é nomenclatura da gineta, por exemplo: lombilho, etc.

Dadas estas razões, parece óbvio que a pronunciação ou acento peculiar ao Brasil, já na época de que nos vamos ocupar, seria a mesma que hoje. Havia de ser, pois, a do pe. Vieira, pelo menos criado no Brasil desde muito moço. Também seria a pronúncia de Eusébio de Mattos que nunca do Brasil saiu e, talvez, mesmo a de seu irmão, Gregório de Mattos, poeta satírico, de que adiante trataremos com mais extensão.

Desejáramos agora dar algumas amostras das primeiras cantigas religiosas, ensinadas pelos jesuítas, ou de alguma modinha das que devia de entoar a bela colona, sentada junto ao rio, a gozar da suave viração da tarde! — Mas só o tempo poderá recolher esses monumentos da primitiva poesia nacional.

Quanto aos jesuítas, sabemos que, em 1575, fizeram representar em Pernambuco o *Rico Avarento e Lázaro Pobre*, que produziu o efeito de darem os ricos muitas esmolas. Nos anos de 1583 e seguintes não temos mais que ler a narrativa da visitação às diferentes províncias do pe. Cristóvão de Gouvêa, escrita por Fernão Cardim, para nos convencermos dos muitos progressos que haviam feito os discípulos dos jesuítas que, na Bahia, tinham já um *curso d'artes* e duas classes de humanidades. Na obra de Cardim se lê, também (pág. 30) como ouviram os índios representar um diálogo pastoril em língua brasílica, portuguesa e castelhana, língua esta que falavam com *muita graça.*

Cardim nos dá notícia de uns versos compostos então ao martírio do pe. Inácio de Azevedo, além de muitos epigramas que se faziam sobre vários assuntos; também nos refere uma procissão das onze mil virgens em que estas iam dentro de uma nau à vela (por terra) toda embandeirada, disparando tiros, com danças e outras *invenções devotas e curiosas*, celebrando depois o martírio dentro da mesma nau, descendo a final uma nuvem do céu, e sendo as mártires enterradas pelos anjos, etc.; também o mesmo descreve a representação de certo diálogo (que se julgava composto por Álvaro Lobo) sobre cada palavra da Ave-Maria.

Os escassos fragmentos que chegaram a nós de poesias principalmente religiosas em língua guarani não pertencem à presente coleção.

Das modinhas, poucas conhecemos e, essas, insignificantes, e de época incerta, a não ser a baiana:

"Bangué, que será de ti!"

Glosada por Gregório de Mattos; essa mesma sabemos ser antiga, mas não foi possível alcançá-la completa.

Não deixaremos de comemorar a do *Vitu*, que cremos ter o sabor do primeiro século da colonização, o que parece comprovar-se com ser em todas as províncias do Brasil tão conhecida. Diz assim:

“Vem cá Vitu! Vem cá Vitu!
- Não vou lá, não vou lá, não vou lá! -
“Que é dele o teu camarada?”
- Água do monte o levou: -
“Não foi água, não foi nada,
Foi cachaça que o matou”

Igualmente antiga nos parece a modinha paulista:

Mandei fazer um balaio,
Para botar algodão etc.

Cabe agora ocupar-nos do primeiro poeta que se fez notável no Brasil. Foi o satírico Gregório de Mattos, que já em Coimbra, onde se formou, e depois em Lisboa, nas Academias dos *Singulares* e na dos *Generosos*, a que pertenceu, começara a manifestar as tendências de seu gênio. Passando ao Brasil, terra que, segundo ele, o criara para “mortal veneno”, o descontentamento e mal-estar o irritaram a ponto tal que, em vez de satírico, era muita vez insolente. Se nas descrições das festas ou caçadas, em geral demasiado prolixas, nos entretém e diverte, nas sátiras pessoais temos sempre que lamentar que o poeta ultrapasse os limites da decência e que, algumas vezes, deixe de ser cavalheiro. A maledicência que emprega contra o governador Antônio Luís, a par dos elogios que de sua administração nos deixou Botelho, e principalmente Rocha Pitta, fazem acreditar, que não a justiça, mas a vingança o movia contra esse representante do poder.

Poderíamos, acerca dos seus versos satíricos, dizer o que de outras cantigas análogas diz um ilustre contemporâneo: — “Eram verdadeiros fascínios [sic]; eram jambos de Arquiloco refinados; eram estocadas de varar até as costas, e catanadas de abrir em dois até aos arções; iam os nomes estendidamente; iam pelo claro as baldas públicas e secretas, até os defeitos involuntários: os do corpo e os da geração, isto tão sem resguardo nos termos, que até as obscenidades se despejavam com um desembaraço digno de Catulo, Marcial ou Beranger.”

Mattos, pelas tendências do seu caráter, fez-se, não discípulo, mas escravo imitador de Quevedo, portanto, assim como sucede a este, se muitos lhe acham graça e chiste, outros o acharão em oposição com o decoro de engenho, em vez de senhor e gracioso; o encontrarão truão e chocarreiro; quando quer ser filósofo, o acharão cínico. Como de Quevedo, o estilo é cortado e desigual; a par de um belo conceito, traz Mattos uma sandice, um disparate ou uma indecência. Sua imaginação era talvez viva, mas descuidada. O seu gênio poético faísca, mas não inflama; surpreende e não comove; salta com ímpeto e força, mas não voa nem atura na subida.

Com Quevedo e com os poetas portugueses dessa época, cultiva os assoantes, sobretudo nos romances. Os espanhóis ainda hoje em dia conservam essa meia rima; em português, foi ela inteiramente abandonada e, quanto a nós, com razão.

Não é este o lugar mais apropriado para entrar na questão da conveniência ou não conveniência do uso dos assoantes na poesia portuguesa; harmoniosa e bela é a nossa língua para, no heróico elevado, contentar-se com o solto. Os redondilhos, que são para poesia menos elevada, tornam-se monótonos se a rima os não abrilhanta e, nos líricos menores, até às vezes se requer que aquela seja

aturada. Só aos ouvidos mais delicados é dado apreciar a arte do assoante e, por esta razão, nunca ele será popular.

Das poesias, que damos por litigiosas, entre os dois irmãos Mattos, confessamos que nos inclinamos a que sejam pela maior parte de fr. Eusébio. Há nelas em geral mais unção religiosa e mais viva crença, que é natural ao gênio do poeta satírico. Quando muito, será de Gregório a glosa à *Salve-Rainha*, entretenimento semelhante ao de Quevedo, glosando o *Padre-Nosso.*

Seguia-se neste lugar tratarmos de um poema descritivo dos sertões brasileiros — *O Descobrimento das Esmeraldas* — obra composta em 1689 por Diogo Grasson Tinoco e da qual era herói Fernão Dias Paes. Infelizmente, de tal poema não conhecemos mais que as estâncias 4ª , 27ª , 35ª e 61ª, que Cláudio Manuel da Costa transmite nas notas da sua *Vila Rica.* Fazemos votos para que o manuscrito que possuiu Cláudio ou algum outro venha a aparecer em Minas e seja dado ao prelo.

Bernardo Vieira Ravasco, filho da Bahia, irmão do padre Antônio Vieira, deixou muitas poesias manuscritas, mas parece haverem-se perdido. Outro tanto terá sucedido aos *Autos Sacramentais* que compôs seu filho, Gonçalo Ravasco, e à comédia *A Constância e o Triunfo*, de José Borges de Barros, ao depois vigário-geral da Bahia. Fazemos aqui, muitas vezes, resenha destas obras, que não conhecemos, para chamar sobre elas a importância a fim de que se publiquem, se chegam a encontrar.

Manuel Botelho de Oliveira foi o primeiro brasileiro que, do Brasil, mandou ao prelo um volume de poesias. Aí confessa ele a existência de outros poetas que haviam [sic] então no Brasil, e são seguramente, esses contemporâneos, de cujas poesias apenas se conhecem os títulos. Botelho de Oliveira talvez nascesse poeta, e não lhe falta imaginação, como se conhece quando segue sua natural inspiração, nos momentos em que não quer ser demasiado *culto* — como então se dizia — e nós hoje diríamos *contorcido.* O pior que ele fez foi querer demasiado imitar os poetas de Itália e Espanha (expressões suas) dessa época, pois, insensivelmente, toma por modelo a Gôngora, e Gôngora, apesar do seu grande talento, nunca podia imitar-se, pois coisas que ele diz, só ele as sabia dizer com arte. Botelho tinha nímia erudição para poder obedecer sempre às próprias inspirações e encher todo o seu extenso volume da *Musica do Parnasso* (que à imitação talvez de d. Francisco Manoel dividiu em *choros*), com mais composições semelhantes à silva, em que descreve a pitoresca ilha baiana da *Maré.* Quis passar pela vaidade de compor nas quatro línguas, portuguesa, castelhana, italiana e latina, e melhor fora ter-se estreado em uma bem. Ao seu castelhano, falta-lhe sempre o jeito de tal, nem que escrevesse primeiro em português e, depois, lhe cambiasse as terminações. No italiano e latim, a dificuldade da empresa prendeu-lhe a veia poética. Nas suas obras, se compreendem duas comédias, uma das quais *Hay amigo para amigo* já antes fora publicada anônima entre as *Famosas.* É o título da outra — *Amor, enganos y zelos* — três inimigos da alma, diz a comédia, que se dão nos amantes e no mundo todo. O enredo destas duas composições é mui insignificante, nem sequer o autor soube para elas inspirar-se com os socorros de Calderón e outros poetas dramáticos dessa época. Em ambas, fala-se de amor e mais amor, mas em ambas há pouca paixão. Na primeira, um amigo cede a outro a dama, por quem ambos estavam apaixonados. Nota-se, de uma e outra, que o autor possuía muito pouca arte, ou pouco conhecimento deste gênero de literatura dialogada; em vez de pôr em diálogo o que lhe convém, tira-se de cuidados e manda muita vez cada qual à cena dizer o que lhe aconteceu e o que intenta fazer. Além disso, as jornadas ou atos são,

em geral, demasiado extensos. Em defesa, porém, do autor, cumpre-nos dizer que ele, por certo, nunca destinou para o teatro estas composições, a que chama *Descante cômico reduzido em duas comédias*, título que lhe quadra, pois vê-se uma certa forma para servir de pretexto a dizerem-se, segundo o gosto da época, descantes de trocadilhos e conceitos amorosos ou com pretensões de tais, pois mal das finezas amatórias que não foram inspiradas em algum sentimento ou alguma reminiscência da paixão do amor. Se existiu deveras a *Anarda* de Botelho, duvidamos que se enternecesse com tais declarações desenxabidas. Além da silva, acima mencionada, das comédias e das poesias amorosas, deixou-nos Botelho várias canções, um panegírico em 34 estâncias ao marquês de Marialva, que nos parece digno, com mais algumas outras suas composições, de ser condenado, para nos servirmos de uma expressão querida na época em que ele viveu, a afogar-se no Lethes.

Quase contemporâneo a Botelho de Oliveira deve ter sido o autor que, no *Florilégio*, designamos pelo nome de *Anônimo Itaparicano* e hoje temos a certeza que era o pe. fr. Manuel de Santa Maria Itaparica, da ordem seráfica, e que ainda vivia em 1751, em que consagrou várias composições aos funerais do rei d. João V. Filho da baiana ilha de Itaparica, não só disso se prezou no seu nome, como nos seus versos, por pouco merecimento que se encontre nessa descrição da ilha de Itaparica. O *Eustaquidos*, tão recomendado pelo assunto e que tem sido escolhido para empresa de mais de um poeta, contém algumas belas oitavas, não inferiores às do moderno poema castelhano do pe. fr. Antônio Montiel, que começa com as três belas oitavas seguintes:

Divina Musa, inspira favorable
Conceptos à mi mente confundida:
Dime, ¿ quien fue el varon inimitable,
Que en paz y guerra, en la muerte y vida,
Siempre glorioso, siempre inalterable,
En una y outra suerte padecida,
Con exemplo notable de heroismo,
Sopo vencer al mundo, y à si mismo
Aquel hombre, mayor que la fortuna,
Y que à pesar del tiempo y del olvido,
Roma se acordará de ser su cuna;
Buen amigo, buen padre, buen marido;
Ni la desgracia le abatió importuna,
Ni la felicidad le há envanecido:
Aquel, que problemático há deixado,
Si fue mas infeliz, que afortunado.
Dime, pues, ¿ como Eustaquio haya podido
Llenar la tierra y mar de sus hazañas
¿ Como despues de poco haya caído
De tanta altura ¿ como tan extrañas
Aventuras sufrió! ¿ como há perdido
El fructo de su amor y sus estrañas
¿ Como há pagado su valor el suelo
¿Como há premiado su virtud el cielo

Cabe aqui fazer menção de um jesuíta, filho do Rio de Janeiro, que então se exercitava na poesia latina. O Carmem *De Sacchari opificio* de Prudêncio do Amaral só foi impresso no fim do século passado e corre incorporado nos quatro livros *de rebus rusticis brazilicis*, em que José Rodrigues de Mello trata da cultura da mandioca e outras raízes, da do tabaco, etc. Cumpre reconhecer que a obra brasileira tem menos desenvolvimento do que a de Raphael Landivar, autor de quinze livros latinos que podemos chamar Geórgicas Mexicanas. O mencionado Amaral nos deixou o *Stimulus amandi Dei param* que julgamos nunca foi impresso; e em prosa, são seus os elogios dos bispos e arcebispos que acompanham as Constituições da Bahia.

Mais tarde, também se exercitou na poesia latina o pe. Francisco de Almeida, natural da Cachoeira, o qual, no seu *Orpheus brazilicus* trata das virtudes do pe. José de Anchieta.

Gonçallo Soares da Franca e o pe. João Álvares Soares ocuparam-se de algumas insignificantes poesias à morte de d. Pedro II que correm impressas. O primeiro começou *Brazilia,* poema sobre o descobrimento do Brasil; o segundo é o erudito Soares Bahiense, autor do *Progymnasma Litterario.*

Contentemo-nos com fazer menção da pernambucana d. Joana Rita de Sousa e de Luís Canelo de Noronha, do qual diz Brito de Lima:

"Nas loas do Parnaso as brancas aves
Avantajou no harmônico e sonoro
Luís Canelo, que em métrica harmonia
É modulado cisne da Bahia."

(Poem. fest., pág. 141)

Este Brito de Lima foi um dos poetas da Bahia que mais versos conseguiu fazer imprimir, dedicava-os à adulação e, naturalmente, publicá-los corria por conta dos adulados. Conseguiu por isso mais fama e glória?

Desgraçado do poeta que, em vez de seguir a inspiração, a busca em assuntos alheios a ele, para lhes prestar servil acatamento!

Cabe aqui consagrar algumas linhas à memória dos paulistas Alexandre de Gusmão e de seu irmão, Bartolomeu Lourenço, o voador, ambos os quais cultivaram as letras. Do primeiro, não compreendemos, em nossa coleção, nenhuma das composições ou traduções poéticas que, sem a necessária autenticidade, correm em seu nome, por nos parecerem todas elas inferiores a tão grande homem. Queremos antes ver Alexandre de Gusmão presenteando sua pátria com a colonização das ilhas de Santa Catarina e Rio Grande, com as providências sobre o quinto do ouro e com a confecção do grande tratado de limites de 1750. É nestas obras, e enquanto esse ilustre político escreveu, para as levar a efeito, que se pode sondar o gênio deste brasileiro. Seu irmão não foi entendido no seu tempo: contra a sua invenção choveram sátiras, e até uma comédia manuscrita vimos nós no Porto, expressamente feita naquele tempo para o ridicularizar. Não admira, quando essa, e ainda pior, tem sido a sorte de tantos outros homens de gênio.

Pouco diremos neste lugar do desgraçado Antônio José, remetendo o leitor para a sua biografia e para os trabalhos que sobre suas obras terá talvez já ora publicado o nosso amigo, o Sr. Pontes.

Para o fazer figurar na nossa coleção, separamos de suas óperas alguns versos que publicamos, talvez sem a ordem e as explicações necessárias e sem que se refiram ao Brasil. Basta-lhe que, por mais de um século, haja o público esquecido

o seu nome, não se declarando este nas óperas e apelidando-as *do judeu*; basta que a Santa Inquisição se vingasse do que ele escreveu, queimando-lhe o corpo! É de saber que o pai de Antônio José, o mestre em artes João Mendes da Silva, natural, como seu filho, do Rio de Janeiro, também cultivava a poesia, mas, por infelicidade, nunca se imprimiram as obras que se lhe atribuem. Barbosa menciona um ofício da cruz em verso; a fábula de Leandro e Ero, em oitavas rimadas; um hino a Santa Bárbara e, finalmente, um poema *Christiados.* Notamos que, na maior parte dos assuntos, se contêm, pelo menos nos títulos, a não serem paródias, profissões de fé antijudaicas. Dedicar-se-ia ele, pois, a tais composições, só para que o não perseguissem? É certo que João Mendes morreu advogado da casa da suplicação quando a mulher e o filho sofriam os tratos dentro da Inquisição. Se as tais obras foram compostas para defender-se das perseguições destas, desculpemo-lhes a hipocrisia, mas cremos que não seriam elas obras de inspiração, porém poesias de cálculo e, em tal caso, a perda de tais manuscritos não deve muito lamentar-se. É sabido que *Christiados* fora o título de um poema latino do bispo Balbuena, de cujo manuscrito se apoderaram os holandeses, quando assaltaram a ilha de Porto Rico.

Ao referirmo-nos às operas, ou antes, zarzuelas, de Antônio José, cumpre dizer que não nos consta que fossem jamais representadas em teatros no Brasil. Exigiam elas (como os *vaudevilles* franceses de hoje), cômicos, vozes e músicos, o que não era fácil encontrar em tempo, em que ainda, na Bahia, não havia teatro regular, nem cômicos de profissão. Só por ocasião de festas se davam extraordinariamente representações, mas de comédias, entremezes e um pouco de dança, e esses, algumas vezes, em espanhol. Temos informação das representações feitas em duas dessas festas e, se bem sejam de época um pouco anterior à das óperas de Antônio José, julgamos a notícia curiosa para não deixarmos de aqui a dar. Em janeiro de 1717, sabemos que se representaram, na Bahia, *El conde de Lucanor* e os *Afetos de ódio y amor* de Calderón; em 1729, com a notícia dos casamentos dos príncipes, representaram, do mesmo Calderón, *Fineza contra fineza, La fiero, el raio y la piedra* e *El monstro de los jardines;* além disso, *La fuerza del natural* e *El desdén com el desdén,* de Moreto. Não negamos boa escolha nas produções acima, mas haveria ali, mesmo na capital do Estado, atores capazes de desempenhá-las? Eis quando, para no-lo contar, é para sentir que já não vivesse Gregório de Mattos.

Estamos chegados ao momento de dever dar conta da primeira sociedade literária regular que teve o Brasil: a *Academia dos Esquecidos*, criada na Bahia em 1724, sob a proteção do vice-rei, Vasco Fernandes César de Menezes, ao depois, conde de Sabugosa. O nome de esquecidos tomaram, talvez, os sócios da circunstância de não haverem sido lembrados os seus na *Academia de História* que se criara em Lisboa, em 1720. Daquela Academia chegou a fazer memória o *Mercúrio histórico de França,* desse mesmo ano, mas os trabalhos delas eram de pouca importância, a regularmo-nos por alguns manuscritos que foram parar à biblioteca dos frades da Alcobaça e [que] tivemos ocasião de consultar, a saber: dissertações dos desembargadores Luís de Sequeira da Gama e Caetano de Brito e Figueiredo, outra do Dr. Inácio Barbosa Machado e uma sobre a história eclesiástica do acima mencionado Gonçalo Soares da Franca. Já que falamos da Academia de História, cumpre dizer que dela foi sócio o baiano Sebastião da Rocha Pita que, em 1730, publicou uma História do Brasil que se recomenda pela riqueza das descrições e elevação do estilo que, às vezes, são tais que mais parecem de um poema em prosa. Antes tinha dado à luz vários escritos e composto poesias, pelas quais pouco se recomenda o autor baiano. O pe. João de Mello, jesuíta pernambucano, também

publicou, em 1742, um livrito de poesias que apenas tivemos ocasião de ver. O mesmo nos sucede com as do fluminense Manuel José Cherem, publicadas em Coimbra e com o culto métrico à Senhora da Conceição, do Secretário de Estado do Brasil, José Pires de Carvalho. Todas três possuiam um amigo nosso, portuense, mas não nos foi possível obter dele que no-las remetesse para nos servirem nesta notícia. Mais felizes fomos com impressos de fr. Francisco Xavier de Santa Teresa, da Academia de História, e das dos Aplicados, mas estas, exclusivamente panegíricas, de um bispo do Porto e de um dos duques de Cadaval nada teriam com o *Florilégio.* É, porém, para sentir que em Olinda já em tempo de Jaboatão não se achassem os manuscritos do poema ao Espírito Santo e a tragicomédia de *Santa Felicidade e seus filhos*, por cujas obras poderíamos ajuizar do gênio do poeta. Este escritor baiano era tido por bom pregador. Do genetlíaco, composto a uma senhora, pelo pernambucano Manuel Rodrigues Corrêa de Lacerda, dos escritos do cônego João Borges de Barros, nada podemos aventurar. O livro deste último, *Relação Panegírica,* dos funerais (que consagrou à Bahia) à memória de d. João V, contém muitas poesias de brasileiros, as quais excluímos da nossa coleção, não por falta de merecimento, mas por julgá-las só próprias de uma *Miscelânea.*

Na cidade do Rio de Janeiro, onde, em 1735, se tinha começado a organizar uma sociedade literária, que não vingou, volveu-se, em 1752, a tratar de outra que chegou definitivamente a organizar-se, com o nome de *Academia dos Seletos.* O mesmo sucedeu mais tarde, no vice-reinado do marquês do Lavradio, à *Sociedade Literária,* que, sob seus auspícios, se criou. Cinco anos antes da fundação da Academia dos Seletos, em 1747, fora aí estabelecida, por Antônio da Fonseca, uma tipografia em que se imprimiu uma pequena relação composta por Luís Antônio Rosado e também, segundo se crê, o livro *Exame de Artilheiros*, do lente da Escola militar, José Fernandes Pinto Alpoim. Esta tipografia emudeceu logo, ou porque a fizeram calculadas medidas de uma política desconfiada, ou porque não poderia por si mesma sustentar-se, o que não é para crer, quando tantas outras havia já em várias cidades, muito inferiores da América Espanhola.

O Rio, pelo seu comércio, pelo talento de seus filhos, patenteado em Coimbra, e sobretudo por se achar mais central para acudir de Pernambuco à Colônia do Sacramento, já tinha sobre a Bahia uma grande preponderância quando, em 1763, o marquês de Pombal para ali transferia a sede do *vice-reinado.*

Mas foi mais que tudo a província de Minas que (por ser pátria de uns literatos e residência de outros) imprimiu um novo e grande impulso na regeneração da literatura brasileira. Se esta nascera da atividade de uma guerra de armas, agora, um século depois, outra guerra com os elementos, com as brenhas e entranhas da terra para extrair-lhe o ouro nelas escondido, produziu a regeneração literária que já traz em si mesma o cunho de ser nascida daqueles sertões do coração do Brasil.

Eram filhos dessa província, mas dela ausentes, José Basílio e Durão; eram nela nascidos e achavam-se aí residentes, Cláudio e Alvarenga Peixoto; Gonzaga desempenhava o lugar de ouvidor em Vila Rica; Silva Alvarenga vivia no Rio de Janeiro; o irmão deste, e Antônio Caetano de Almeida, irmão de José Basílio, também: todos formavam uma espécie de Arcádia, que se chamou Ultramarina.

Se bem [que] destes poetas, Cláudio é o mais antigo, trataremos antes dos ausentes, não só por darmos notícia de suas epopéias de assunto brasileiro, como por deixarmos ou [sic] outros para os atender, conjuntamente, nos fatais acontecimentos posteriores.

E primeiro trataremos de José Basílio e do seu *Uraguay.* Esta epopéia é das modernas de mais merecimento, se bem que o autor, com pressa, não lhe desse

todo o desenvolvimento. José Basílio tinha-se familiarizado muito com a literatura clássica e italiana e deixou nisso freqüentes reminiscências, espalhadas pelo poema. O autor do *Uraguay*, principalmente, se extremou pelo talento da harmonia imitativa, pelo mecanismo da linguagem, sabendo sempre adotar os sons às imagens. Às vezes, faz correr os versos fluidos e naturais, outras, como nas falas de Cacambo, demora no verso de propósito, porque deseja representar distância, sossego ou brandura. Se a imagem é audaz e viva, como quando fala Cepé, faz precipitar os versos; até diríeis que em casos duros e de batalhas etc., sabe fazê-los roçar asperamente uns com outros.

Durão deixou-nos o *Caramuru*. Este poema, mais acabado que o anterior, é de fácil e natural metrificação, dicção clara e elegante, nele o poeta, só pelo seu gênio, conseguiu fazer herói um indivíduo que estava longe de o poder ser. Entretanto, cumpre dizer que, se da Ilíada se colhem estímulos de valor, se a Eneida comove à piedade, se o Orlando inspira sentimentos de cavalheirosa abnegação, se os Lusíadas exaltam o patriotismo e a Jerusalém é um modelo de prudência e conselho, o poema Caramuru oferece um tipo de resignação cristã e de virtudes conjugais. O Caramuru ganhará, de dia para dia, mais partido e chegará, talvez, a ser um dia popular no Brasil.

Cláudio deve considerar-se o primeiro poeta mineiro, por direitos de antigüidade, pois já em 1751, em Coimbra, começou a imprimir algumas poesias; depois de ir a Minas, serviu de secretário de Governo, correu os sertões com o governador Lobo e foi protegido do conde de Valadares.

Deixou-nos Cláudio mais de cem sonetos, vinte églogas, muitas epístolas, alguns epicédios e romances líricos e um heróico, alem de cantatas e cançonetas em italiano; pulsou a lira, orçando pelo sublime na sua saudação à Arcádia Ultramarina, mas no poema *Vila Rica* não acertou bem com a embocadura da trombeta épica. Nos sonetos, faz, muita vez, recordar a Petrarca. As suas églogas parecem em tudo modeladas sobre as de Garcilasso. Era Cláudio, como este, exato na impressão e, como ele, amante da literatura italiana. Mais delicados e ternos que sublimes, um e outro eram como nascidos para égloga e elegia. As obras de Cláudio devem estudar-se como modelos de linguagem; e, porém, de temer que o gênero bucólico, em que mais abunda, venha a convidar poucos à sua leitura.

Alvarenga Peixoto era dotado de grande gênio poético e o pouco que dele nos resta é bastante para lamentarmos que nos não deixasse muito mais ou, por ventura, que não apareça o mais que comporia. O seu canto genetlíaco em 19 estâncias e a magnífica composição com que convida d. Maria I a passar-se à América são, por si sós, bastantes para lhe tecer eterna coroa de poeta.

Gonzaga, cuja Marília de Dirceu já vai sendo traduzida em todas as línguas, acabando de sê-lo em castelhano, a rogo nosso, pelo amigo Sr. d. Enrique Vedia, distingue-se pela ternura dos afetos e pela naturalidade da versificação. Ninguém como ele, a nosso ver, tirou tanto partido para expressar seus sentimentos, de tudo quanto o rodeava, inclusivamente na prisão, com a imagem da morte perante os olhos.

Se Gonzaga (Dirceu) nos deixou um cancioneiro por nome *Marilia*, temos outro de Silva Alvarenga (Alcindo) intitulado *Glaura*. À maneira de Petrarca, um e outro constam de duas partes: no primeiro, canta o poeta os seus amores, na segunda, chora a perda deles: Dirceu, pela sua prisão e desterro; Alcindo, como Petrarca, pela morte do objeto amado.

Silva Alvarenga, a quem devemos os melhores ensaios, feitos de intento em um gênero erótico novo, tinha grande amor à poesia e elevadas ambições de poeta.

É correto na linguagem, poético nas imagens, natural, sensível e melodioso nas redondilhas, mas nem sempre altíloquo no heróico. Seus ensaios eróticos de cor americana perdem por monótonos e convertem, às vezes, o poeta num namorado chorão e *baboso*. Seu irmão, João Inácio, passava por ser o autor da famosa ode a Albuquerque que, ultimamente, se deu de presente (não sabemos com que fundamento), a Vidal Barbosa.

Do irmão de José Basílio da Gama, nada podemos dizer, por não conhecermos composição alguma sua.

O governador Luís da Cunha de Menezes não soubera ganhar as simpatias da capitania, cujo governo lhe fora confiado em 1783. O seu gênio vaidoso, os seus erros administrativos e o prestar-se ele em pequenas coisas ao ridículo, deram assunto para a violenta sátira que, em novo epístolas, chamadas *Cartas Chilenas*, contra ele escreveu um dos poetas de Vila Rica. A facilidade da metrificação, a naturalidade do estilo e a propriedade da linguagem fariam atribuir esta obra a Cláudio, a não desmentirem da sua pena, algumas expressões chulas e pouco decorosas. Tão pouco nos atrevemos a atribuí-las a Alvarenga Peixoto, de quem nenhum versos possuímos deste gênero. É, porém, sem dúvida que tais versos eram de pessoa exercitada em o fazer e não havia então em Minas poetas neste caso mais que os dois e Gonzaga, que fica excluído, por se falar dele nas mesmas cartas. As epístolas supõem-se dirigidas por Critilo a um Doroteu (Teodoro?) que estava na Corte. Correm precedidas de uns versos de outro autor que, em certo lugar, nos previne a favor da nomeada de Critilo como escritor conhecido. Não faltam nas cartas verdades que deviam de ser duras aos ouvidos, não só do governador presente, como até de todos os mandões maus que lhe sucedessem. A sátira foi escrita provavelmente em 1786, isto é, depois das festas, por ocasião dos casamentos dos infantes de Portugal e Espanha.

As cartas *chilenas*, que melhor podemos chamar *mineiras*, são o corpo de delito de Cunha de Menezes, cujo desgoverno foi a origem da primeira fermentação em Minas, para a conspiração em que apareceram complicados como chefes e cabeças os poetas de que ultimamente fizemos menção, Cláudio, A. Peixoto e, em aparência, Gonzaga. Talvez nenhuma outra história literária ofereça a novidade de se ver assim inseparável de uma conspiração política em que, segundo parece, tiram os poetas a principal parte.

Em 1788, sucedeu a Menezes no governo o visconde de Barbacena e, à sua chegada, correu voz de que ia forçar a capitania ao pagamento de 700 arrobas de ouro que ela devia pela lei da capitação. Entretanto, as idéias de conspiração e revolução, originadas no governo anterior, haviam amadurecido e a notícia de que se ia violentar o povo e satisfazer aquele tributo fez-se espalhar como conveniente para fazer rebentar a revolução que os conspiradores imaginavam teria tão feliz êxito como a que se acabava de levar a efeito nos Estados Unidos, graças à grande proteção que estes encontraram da parte da França e Espanha contra a Grã-Bretanha.

Alvarenga Peixoto estava entusiasmado pelo futuro da nova nação; improvisou-lhe a bandeira e propôs as providências que deviam adotar para criar partido e para resistir à guerra que, infalivelmente, dizia ele, com razão, devia ter lugar. Mas, como sucede tantas vezes, alguns conspiradores converteram-se em delatores. Antes de rebentar a revolução, foram todos os suspeitos réus presos e depois julgados. Cláudio matou-se no cárcere, enforcando-se com uma liga. Alvarenga Peixoto foi sentenciado à morte, e Gonzaga, talvez inocente à conspiração, a degredo por toda vida para as Pedras Negras, em Angola. Estas

sentenças foram comutadas, por uma Carta Régia de perdão, a daquele em degredo perpétuo , ao princípio, para Dande e, depois, para Ambaca, e a deste, em dez anos de degredo para Moçambique. O poeta português Diniz foi um dos juízes signatários destas sentenças de seus colegas.

Já neste século, principalmente desde o marquês de Pombal, vemos filhos do Brasil ocupando os primeiros cargos do Estado e outros distinguindo-se com escritos que ganharam nomeada. João Pereira Ramos, um dos reformadores da Universidade, é guarda-mor do Arquivo da Torre do Tombo. Seu irmão, o bispo de Coimbra, d. Francisco de Lemos, é reitor e reformador da Universidade. d. José Joaquim Justiniano Mascarenhas foi feito bispo do Rio de Janeiro, sua terra natal. O báculo de Pernambuco, confiou-se a d. Francisco da Assunção e Brito, natural de Mariana e, depois, a d. fr. Diogo de Jesus Jardim, do Sabará, e, mais tarde, a d. José Joaquim de Azevedo Coutinho, de Campos. d. Tomás da Encarnação, natural da Bahia, é autor de uma conhecida História Eclesiástica, publicada em Coimbra em quatro tomos. O franciscano Jaboatão, nascido na Vila deste nome, publicou uma história da sua ordem seráfica no Brasil; Pedro Taques de Almeida Paes e fr. Gaspar da Madre de Deus escreveram memórias históricas sobre a sua Província de São Paulo; José Monteiro de Noronha, do Pará, em cuja Sé foi vigário capitular, era um eclesiástico de bastante saber. Na advocacia, distinguiram-se os doutores Inácio Francisco Silveira da Motta, Saturnino, e como magistrado fez-se muito notável o desembargador Velloso. Além dos advogados mencionados, outro havia de quem nos restam algumas composições poéticas, além de outras que possuem seus netos; só três publicamos do poeta fluminense Mendes Bordallo. Igual nome não daremos, mas sim o de simples versejador a outro fluminense, cuja condição humilde foi para nós grande recomendação para o contemplarmos. Referimo-nos ao sapateiro Silva. Os seus versos devem guardar-se e podem alguns ler-se.

Também nas ciências, alguns brasileiros ganharam celebridade nesta época: Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt brasileiro, em suas extensas viagens pelos sertões do Pará; José Bonifácio de Andrada, de cujas poesias adiantando [sic] trataremos, agora viajando como mineralógico pela Europa. Do mesmo modo que o seu patrício (natural do Serro do Frio), o naturalista Manuel da Câmara Bittencourt e o fluminense Antônio de Nola, ao depois, lente em Coimbra; Coelho de Seabra escrevendo tratados de química, além de muitas dissertações científicas; Conceição Velloso, trabalhando em uma grande *Flora Fluminense* e deixando impressos muitos tratados compostos ou traduzidos; o Dr. José Vieira do Couto, naturalista em Minas; Manuel Jacinto Nogueira da Gama (ao depois marquês de Baependi) distinguindo-se, em Coimbra, nas matemáticas, do mesmo modo que Francisco Villela Barbosa (marquês de Paranaguá), e vindo ambos reger cadeiras dessas ciências. Pires da Silva Pontes, encarregado dos tratados de limites e de levantamentos das cartas no Brasil e José Fel. Fernandes Pinheiro (v. de S. Leopoldo) já magistrado e ocupando-se das traduções de obras que podiam ter aplicação à indústria do Brasil; Silva Feijó, naturalista, empregado em explorações nas ilhas de Cabo Verde; José Pinto de Azevedo, médico distinto da escola de Edimburgo, e outros de menos nomeada.

Nos fins deste século, um filho da Bahia, que nesta cidade professou o ensino da gramática, José Francisco Cardoso, compôs em latim um canto heróico sobre a expedição dirigida contra Trípoli e comandada pelo chefe de divisão Donald Campbell, para que o bei entregasse uns franceses aí refugiados. O autor não era de imaginação mui rica, seus versos estão longe da perfeição e o mesmo estilo é, em geral, pouco poético, mas este poema teve a honra de ser vertido em verso português por Bocage, o poeta mais harmônico que tem dado Portugal. Assim, a

obra de Cardoso ganha muito em ser antes lida na tradução portuguesa. Rematemos o que falta dizer dos poetas deste século XVIII, com um, que se pode dizer, concluiu com ele seus dias: aludimos ao pardo Caldas Barbosa. E, com referência à sua biografia no Florilégio, diremos que este cantor de viola, como se lhe tem querido chamar, merece mais consideração do que se lhe tem dado até agora. Além de que se ensaiou em todo o gênero de poesia, deixou-nos, a par de muitas composições insignificantes, outras que lhe devem conferir o nome de poeta. Possuímos dele elegantes quintilhas, harmônicas estrofes e alguns sonetos, nos quais só o muito desejo de criticar poderá encontrar senões.

Não é por certo seu mérito a comparar com o seu *xará,* também eclesiástico — o sublime Sousa Caldas. Conta-se que aquele reconhecia tanto essa superioridade que, uma vez, encontrando ao último em sociedade, improvisou a tal respeito a seguinte quadra:

"*Tu és Caldas, eu sou Caldas;*
Tu és rico e eu sou pobre;
Tu és Caldeira de prata;
Eu sou Caldeira de cobre."

Souza Caldas é talvez o poeta brasileiro que mais orçou pelo sublime e também, com seus versos líricos menores, sabia ser festivo. Como poeta sagrado, rivaliza com ele, não pelo sublime e correto, mas pela viveza das imagens, colorido e facilidade de expressão, o autor da epopéia sagrada, a *Assunção da Virgem.*

Fr. Francisco de S. Carlos teve a coragem de se abalançar neste século a tratar um tal assunto e só pela fecundidade de seu engenho poderá sair bem da empresa. Com muita arte envolve a América e suas grandezas neste assunto divino, passado em tempos em que aquela não era, é verdade, conhecida dos cristãos, mas já era do Eterno e o podia ser do Arcanjo seu núncio. Igualmente a idéia de pôr no Paraíso terreal os frutos da América, isto é, o verdadeiro jardim da terra, é belíssima e original.

Na *Assunção* há mais poesia que no *Uraguay* e no *Caramuru*, mas as rimas pareadas serão fatais à popularidade do poema e glória do poeta, sempre que algum leitor, animado pelo assunto piedoso ou prevenido em favor do gênio poético do autor, se dedique boamente à sua leitura, sem fazer reparo a um que a outro lugar de menos castigado estilo. Infelizmente, ao poeta faltou-lhe em vida não só outro poeta amigo a quem pudesse dar a censurar suas composições. E devemos crer, pelo que ele próprio nos diz, que dos outros, em vez de estímulo, só recebia sinais de indiferença, e até o fim do poema se achara sozinho, sem mais valimento que o da sua musa. Queixando-se a esta, nos diz:

"Aqueles mesmos, que nos meus suores
Deveriam ter parte são piores.
Surdos se têm mostrado, e indiferentes
A tão nobres vigílias... Vê, que gentes,
Que estima pelas musas, que alto brio
Produz o teu Janeiro o ilustre Rio."

(C. 8°, pág. 211)

Quanta reputação e quanta glória não pudera ter adquirido um dos poderosos de então se houvesse querido e sabido proteger um pobre frade que, com tais

versos, implora a benevolência da posteridade! Sem aguardar para mais longe, já os que nascemos depois, quase condenamos todos os que então figuravam no Rio e com quanto prazer, com quanta glória, para ele, não citáramos aqui o Mecenas, se algum tivesse querido então sê-lo!

De Manuel Joaquim Ribeiro, professor régio de Filosofia em Minas Gerais, possuímos alguns sonetos e várias liras e, lástima é que tantas destas composições não passem de puros encômios à pessoa do capitão-general. Vê-se que Ribeiro quis tomar por modelo a Dirceu e, força é dizê-lo, que às vezes o imitou, na graça e naturalidade que chega a iludir-nos.

Ao fazermos menção de Minas nesta época, é impossível deixar no olvido a exata e ingênua descrição desta província, feita em quadras pelo alferes miliciano Lisboa. As suas outras composições patrióticas e contra a invasão francesa em Portugal nem sequer tiveram voga na época de entusiasmo em que se deram à luz. Mineiro era também o pe. Silvério, chamado da Paraopeba. Suas composições são recomendáveis pela muita originalidade e, quando se colijam, fornecerão uma pintura de muitos usos de nossos sertanejos.

Mais para o interior, em Goiás, pulsava a lira de Píndaro o sublime Cordovil, de quem devemos sentir que não sejam conhecidas maior número de produções. Tendência ao sublime se descobre também nas composições que temos do baiano Luís Paulino. Mais que estes se distinguiu, posteriormente, no lírico elevado, o pernambucano Saldanha, cantando os principais heróis que dirigiram a restauração da sua província contra o jugo holandês. Infelizmente, Saldanha parece não ter tido mais modelo que as odes pindáricas de Diniz que já demasiado se parecem umas às outras.

Restava ocuparmo-nos, mais extensamente, dos últimos quatro autores poetas, com que termina o nosso Florilégio. De alguns outros modernos, falecidos, não possuímos composições bastantes, e dos vivos, não ousamos nós julgar e muito menos a par dos mortos. Assim, Deus faça subsistir por muito tempo os motivos porque [sic] deixamos aqui sem exame as poesias dos Pedra Branca e Alves Branco, dos Odorico Mendes e de tantos outros poetas talentosos de nossos dias. Reservando-nos, pois, o projeto de publicar um suplemento a esta coleção, quando tenhamos juntado os materiais para ele, igualmente prometemos, para o futuro, um *álbum,* contendo duas ou três das composições ou trechos de poesias que cada um dos poetas, que a nós se dirijam, e que são convidados neste lugar, creia preferíveis às outras suas.

Os quatro autores referidos, que terminam o nosso Florilégio, são: José Bonifácio, Paranaguá, Januário e Álvaro de Macedo. Os laços de amizade e veneração que a eles nos prendiam, e nos ligam às suas famílias, quase nos apertam o pulso e fazem que a mão trema ao escrever deles um juízo crítico — prematuro talvez. Digamos, antes de tudo, que nenhum desses brasileiros talentosos cultivou a poesia, senão por distração de mais sérios estudos. José Bonifácio era naturalista; Paranaguá, matemático; Januário, pregador e Álvaro, profundo nos estudos da vária filosofia. Todos eles dedicaram grande parte da sua atividade e tempo aos afãs da política, já como deputados e ministros, já como escritores e jornalistas. De cada um destes dois últimos não pode contar a literatura mais que um pequeno poema, com escasso desenvolvimento. De Paranaguá, faltam ao público a maior parte das composições, com a correção com que as ia limando no decurso de sua vida, sobretudo as primeiras que publicou em Coimbra, no século passado. Não sabemos como haverá modificado a sua *Primavera*, tão notável pelo estilo e metrificação, mas onde faltava muita cor americana. Sentimos que o poeta

fluminense preferisse entre as quadras do ano a que na Europa é mais risonha e fizesse menção de se ter acabado o frio do vento norte, quando o frio no Brasil não vem desse lado e que se lembre da flor da amendoeira, pois se há esta árvore em algum jardim de aclimatação, não é para nós um indício da primavera, etc. As composições amorosas, quando não abundam em nomes mitológicos, e sobretudo as heróicas ao Fundador do Império, e que ouvimos recitadas da própria boca do poeta, cremos que irão à posteridade com unânime louvor e darão a Paranaguá mais glória do que a *Primavera* a que, por falta de outros modelos do autor, demos a preferência.

José Bonifácio não se pode classificar como poeta; não pertence a nenhuma escola, se bem que se educou na clássica. Não se afeiçoou a nenhum gênero, mas em todos se ensaiou. Não poetava por amor da arte, mas por fugir do tédio em horas que não queria pensar em ciências, nem em política. Isto em nada se opõe a que não sejam de superior mérito algumas poesias que nos deixou. Parece que, juntamente com o brasileiro Mello Franco, muito concorreu para a confecção do poema satírico da Universidade de Coimbra — *O Reino da Estupidez.*

Se o cônego Januário merece, nos diferentes ramos da literatura brasileira, uma reputação muito maior do que a que lhe dão suas obras na poesia, sobretudo, os seus serviços foram maiores do que os que indica o seu *Nictheroy.* Januário foi o primeiro coletor de poesias brasileiras, que promoveu o gosto pelas letras americanas e delas foi, na imprensa, na tribuna e até no púlpito, estrênuo e acérrimo campeão. Seu estro, descobriu ele, principalmente, em produções anônimas que, por ora ao menos, não podem pertencer à literatura, pelas muitas personalidades que encerram, nascidas de paixões políticas às quais não foi estranho na idade madura este ativo eclesiástico.

Álvaro de Macedo era um moço de saber e conhecedor profundo da língua e literatura inglesa e desta grande admirador. *A Festa de Baldo*, apesar de seus defeitos, que consistem em faltas de desenvolvimento de certos pensamentos e no prosaísmo de alguns versos, é o nosso primeiro poema herói-cômico.

A muita convivência que, na qualidade de colega, com Macedo tivemos e a amizade que a ele nos ligava, nos permitiram quase que assistir à composição dos últimos dois cantos do seu poema ao qual, a pedido nosso, o autor decidiu dar uma cor *mais americana* na parte descritiva. Lastimamos que não desse ainda mais desenvolvimento a este nosso pensamento quando, quase simplesmente, nomeia as frutas, etc.

A obra de Macedo ganhará, talvez de dia para dia, mais popularidade e, daqui a menos de um século, figurará no país e na literatura mais do que hoje. Nela nos legou o autor uma verdadeira imagem da sua maneira sincera de pensar em religião, em política, em proceder social e doméstico, em tudo finalmente. Nela nos apresentou um espelho do seu caráter que conciliava à profissão de princípios severíssimos, com um trato tão alegre e galhofeiro quanto lho consentiam as queixas que tinha contra a sorte que pouco o favorecera na carreira que abraçara. Essas queixas, reunidas à sua compleição débil, lhe quebrantaram a existência aos quarenta e dois anos de idade. Faleceu em Bruxelas, onde servia como representante do Brasil.

F. A. DE VARNHAGEN

FIM